

Nosso destino está selado

Aproximo-me, olho dentro da canoa e contraio a cara e o coração. Jeorokat nomeia o animal morto:

– Guariba.

É um macaco, bem grandinho. Ele está na posição em que fora abatido: com as mãos cobrindo os olhos, na expressão de quem se protege de ver algo medonho: a flecha de Tawé que lhe furaria o peito. A cara de Kika também é de dó. A semelhança dele com a expressão e atitude de uma pessoa ameaçada por uma arma é incrível. Na Missão já haviam nos contado que, se alguém aponta uma arma para uma fêmea, e ela está com um filhote, ela mostra a cria ao caçador, num pedido de misericórdia. E, se não tem cria, ou se for macho, leva as mãozinhas ao rosto, tapando os olhos para não ver o momento fatal.

Na canoa, além do macaco, apenas uns poucos galhos de pupunha e dois peixes, não muito grandes.

No jantar, o guariba é servido cozido em um caldo e não temos como recusar, como não comer. Sua carne parece borracha, os dentes não a penetram, são expulsos dela ao tentarmos mastigá-la. Mas, de fato, a dificuldade maior é não termos como esquecer a imagem de suas mãos cobrindo os olhos. Para ajudar, carregamos bastante na farinha, fazendo uma papa com o caldo.

Nosso destino está selado. O inverno expulsou realmente o alimento e, sabermos que eles estão acostumados e que enfrentam bem esse tempo, não altera o que sentimos. Nosso incômodo e mesmo culpa de reduzirmos ainda mais sua alimentação não mudam. Por mais que queiramos, não podemos ficar. Eu e Kika conversamos sobre a situação e à noite falamos com Tawé:

– Tawé, nós estamos achando que é melhor voltarmos para a Missão...

– Sô Valto, se o Senhor e D. Kika quiserem ficar pode, e se quiserem ir, pode.

É a primeira vez que Tawé nos dá uma “ordem” dúbia. Percebi que não se tratava apenas de uma delicadeza sua. Ele nos oferecia de verdade a possibilidade de ficarmos, mas a decisão estava clara para mim:

– Obrigado, Tawé, mas nós vamos voltar sim. Acho que o senhor sabe o quanto gostamos de estar aqui, mas é melhor nós retornarmos. E, também, nós temos que tentar pegar o avião que passa na Missão por esses dias, para voltarmos para casa. Nós temos trabalho lá.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(Cap.17 – ‘A estrada é sábia’ – pág.278)